

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

EPISTEMOLOGIA REFORMADA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DAS PRINCIPAIS E FUNDAMENTAIS CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA REFORMADA

Reformed Epistemology: A brief presentation of the main and fundamental
characteristics of the Reformed epistemological tradition

Bruno Litz¹

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de conceituar e apresentar as principais e fundamentais características da Epistemologia Reformada, especialmente no que diz respeito aos limites do conhecimento humano, às suas fontes e aos elementos que o tornam justificado. Por meio de consultas a obras de Teologia e Filosofia, especialmente escritas por autores reformados ou por intelectuais que influenciaram essa tradição, foi possível concluir que a Epistemologia Reformada é principalmente caracterizada pelos seguintes elementos: a insuficiência cognitiva humana, representada pelo *sensus divinitatis* e agravada pelo pecado; a centralidade da graça de Deus para o conhecimento, operada por meio da iluminação do Espírito Santo e revelada pelo testemunho das Escrituras; e pela justificação do conhecimento garantida pelo bom funcionamento do aparelho cognitivo humano e pela autoridade da revelação especial. Por fim, na conclusão deste artigo foram mencionadas as contribuições que a pesquisa desenvolvida pode ter para estudos filosóficos e teológicos acerca da Epistemologia Reformada, principalmente no que diz respeito à apresentação das principais características desta posição epistêmica.

Palavras-chave: Epistemologia Reformada. Filosofia. Teologia.

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e licenciado em Letras: Português e Inglês pela Unopar. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5770-9032> - E-mail: bruno.litz@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

This article was developed with the aim of conceptualizing and presenting the main and fundamental characteristics of Reformed Epistemology, especially with regard to the limits of human knowledge, its sources and the elements that make it justified. By consulting works of Theology and Philosophy, especially written by Reformed authors or by intellectuals who influenced this tradition, it was possible to conclude that Reformed Epistemology is mainly characterized by the following elements: human cognitive insufficiency, represented by the *sensus divinitatis* and aggravated by sin; the centrality of God's grace for knowledge, operated through the illumination of the Holy Spirit and revealed by the testimony of the Scriptures; and the justification of knowledge guaranteed by the proper function of the human cognitive apparatus and by the authority of special revelation. Finally, in the conclusion of this article are mentioned the contributions that the research made can offer for philosophical and theological studies on Reformed Epistemology, especially with regard to the presentation of the main characteristics of this epistemic position.

Keywords: Reformed Epistemology. Philosophy. Theology.

INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento histórico da Filosofia, diversas teorias e hipóteses foram elaboradas com o objetivo de investigar as fontes e os limites do conhecimento humano, bem como identificar as características e os elementos que o tornam racionalmente justificado. Dentre essas diversas abordagens epistemológicas, há a Epistemologia Reformada, que se distingue das demais por conta de seus pressupostos teológicos e de sua natureza religiosa e confessional declarada. Tal posição filosófica, que não fica restrita ao ambiente eclesial reformado, cada vez mais tem sido apresentada e provada como uma perspectiva academicamente legítima, válida e coerente no que diz respeito às questões e aos debates contemporâneos relacionados ao conhecimento humano.

Por tais razões, este presente artigo será desenvolvido com o objetivo de conceituar a Epistemologia Reformada, explorando e apresentando as suas principais e fundamentais características, especialmente no que se refere às fontes do conhecimento humano, aos seus limites e ao que o torna epistemologicamente justificado. Para o desenvolvimento do conteúdo desta pesquisa, serão consultados materiais e livros de Teologia e Filosofia, principalmente os escritos por autores reformados que tratam de Epistemologia. Ao final do trabalho, serão apresentadas as conclusões derivadas deste estudo, acompanhadas de uma avaliação sobre a sua relevância para pesquisas filosóficas e teológicas acerca da Epistemologia Reformada

1. AS LIMITAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DO SER HUMANO

Agostinho de Hipona, o teólogo patrístico que mais influenciou o movimento da Reforma Protestante no século XVI, escreveu no início das suas *Confissões*: “Tu nos fizeste

para Ti, e o nosso coração está inquieto até que venha a descansar em Ti”², evidenciando assim a insuficiência existencial humana, que só pode ser devidamente suprida pela presença divina. Calvino, por sua vez, o mais importante intelectual e teólogo da tradição reformada, seguindo o pensamento de Agostinho, afirmou em suas *Institutas da Religião Cristã* que “no espírito humano há, por inclinação natural, certo senso de divindade”, o chamado *sensus divinitatis*. Esse senso, uma prova da incompletude humana, faz com que o homem não encontre sentido para a sua existência enquanto não conhecer verdadeiramente o seu Criador.³

Dessa forma, é evidente que há na tradição teológica e filosófica reformada a declaração clara das limitações humanas. Tais limitações, porém, não são apenas de ordem espiritual, mas também abrangem os aspectos intelectuais, pois, conforme Madureira, a insuficiência epistemológica é um aspecto constituinte da natureza humana. Tal característica, um dano causado pelo pecado original nas capacidades mentais de todos os descendentes de Adão, foi considerada pela tradição teológica reformada como um dos *efeitos noéticos da Queda*, e faz com que o ser humano, por suas próprias potencialidades, seja totalmente inapto para conhecer a Deus e interpretar o mundo que o cerca de maneira coerente e correta.⁴

Acerca deste assunto, Plantinga argumenta que:

Os efeitos noéticos mais sérios do pecado dizem respeito ao nosso conhecimento de Deus. Não fosse o pecado, e os seus efeitos, a presença e a glória de Deus seriam tão óbvias e incontroversas para todos nós quanto a presença de outras mentes, dos objetos físicos e do passado. Como qualquer processo cognitivo, contudo, o *sensus divinitatis* pode funcionar mal; em resultado do pecado, foi efetivamente danificado. O nosso conhecimento original de Deus e da sua glória está abafado e obstaculizado; foi substituído (por causa do pecado) pela estupidez, imbecilidade, cegueira, incapacidade para perceber Deus ou para o perceber na sua obra. O nosso conhecimento do seu caráter e amor por nós pode ser sufocado: pode até se transformar em ressentimento, no pensamento de que Deus é alguém a quem devemos temer e de quem devemos desconfiar; podemos vê-lo como indiferente a nós ou até maligno.⁵

Essa declaração de que o ser humano é incapaz de chegar independentemente ao conhecimento da verdade é, de acordo com Frame, um pensamento radicalmente oposto às ideias presentes nas três principais abordagens epistemológicas tradicionais, as quais são o racionalismo, o empirismo e o subjetivismo. Frame argumenta que, apesar das diferenças internas existentes entre essas abordagens, todas se baseiam numa tentativa humana,

² AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Brian Gordon Lutalo Kibuuka. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021, vol. 1, p. 23.

³ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, vol. 1, p. 57.

⁴ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 78-80.

⁵ PLANTINGA, Alvin. **Crença cristã avalizada**. Tradução de Desidério Orlando Figueiredo Murcho. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 229.

autônoma e idólatra de alcançar a verdade sem recorrer à revelação divina e, dessa forma, inevitavelmente conduzem a um conhecimento distorcido de Deus e da realidade.⁶

Acerca dessa postura idólatra adotada nas empreitadas epistemológicas humanas, Dooyeweerd explica que tal atitude é um resultado das próprias tendências internas do homem que agem como um verdadeiro impulso religioso e que antecedem até mesmo as suas considerações e análises racionais. Tal impulso, quando não é dirigido a Deus, o verdadeiro valor absoluto que pode atribuir sentido para todos os aspectos da existência, é dirigido a um elemento contingente, dando origem a “ídolos provenientes da absolutização daquilo que só tem significado relativo”.⁷ Assim, de acordo com Miguel, a pulsão religiosa inata assume uma orientação apóstata, pois o indivíduo não reconhece Deus como o sustentador e a causa de toda a realidade, mas entroniza um elemento criado em seu lugar. Esse processo, falho por natureza, busca na própria criação, e não no Criador, o fundamento para o sentido da existência e uma segurança epistêmica que possa fornecer conforto e um sentimento de coerência.⁸

Dessa forma, fica evidente que uma característica fundamental da Epistemologia Reformada é a afirmação de que o ser humano é, por consequência da Queda, naturalmente incapaz de chegar ao conhecimento de Deus e de compreender adequadamente a realidade que o cerca. Além disso, outro elemento importante dessa tradição epistêmica é a crença no impulso religioso humano, fruto de sua insuficiência existencial. Este impulso, quando opera sem o auxílio divino, resulta inevitavelmente em idolatria e em um conhecimento distorcido da realidade. Por tais razões, o seguinte capítulo será destinado a considerar de que maneira os adeptos à Epistemologia Reformada defendem que o homem possa chegar a um conhecimento verdadeiro.

2. A NECESSIDADE DA GRAÇA DIVINA PARA O CONHECIMENTO HUMANO

Conforme a passagem bíblica de Romanos 1.19-21, há na natureza criada uma revelação suficientemente clara de Deus para que todos os seres humanos sejam indesculpáveis por não o reconhecerem nem glorificarem como Senhor. Porém, apesar da clareza dessa revelação geral, os efeitos noéticos da Queda fazem com que o homem seja incapaz de chegar por meio dela a um conhecimento real de Deus. Dessa forma, como argumenta Madureira, “o conhecimento natural de Deus carece, portanto, da graça”.⁹

Acerca da necessidade do auxílio gracioso de Deus para o conhecimento humano, Van Til também apresenta contribuições significativas. Este filósofo afirma que o homem não pode

⁶ FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 126.

⁷ DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução de Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília: Monergismo, 2018, p. 102.

⁸ MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 37-38.

⁹ MADUREIRA, 2019, p. 88.

olhar para a criação para entender o Criador, mas, pelo contrário, só pode verdadeiramente compreender a criação quando já possui um conhecimento real do Criador. Em suas palavras:

A revelação natural é perfeitamente clara, e dela os homens têm de conhecer a Deus, e, por meio dela, têm de ver todas as demais coisas como dependentes de Deus. Mas somente aquele que olha a natureza através do espelho da Escritura *entenderá* a revelação natural como o que ela realmente é. Além disso, ninguém poderá conceber a Escritura como ela verdadeiramente é, a menos que lhe seja dada capacitação mediante o poder regenerador do Espírito Santo. Somente aqueles que são discípulos de Deus veem a Escritura como o que ela realmente é.¹⁰

Assim, o ser humano é totalmente dependente da iluminação do Espírito Santo para chegar à verdade. Tal argumento também é defendido por Plantinga, que afirma que a instigação interna do Espírito Santo, um tipo especial de instrumento ou agência cognitiva, leva os homens à crença em Deus e na Escritura. Como este filósofo também explica, esta instigação não faz parte do equipamento noético original da humanidade, mas faz parte da resposta divina à condição de pecado na qual ela se encontra. Dessa forma, o Espírito Santo é responsável por guiar o *sensus divinitatis* do homem ao seu devido objetivo, isto é, Deus.¹¹

À semelhança da declaração mencionada de Van Til, também é importante destacar que o próprio conhecimento das Escrituras é impossível sem a operação do Espírito Santo. Tal destaque é devidamente feito por Calvino ao afirmar que:

Iluminados, pois, pelo poder do Espírito Santo, não é mais baseados em nossa avaliação e na de outros que nós cremos que a Escritura é a Palavra de Deus. É graças à certeza dada por uma autoridade superior que concluímos que, sem dúvida nenhuma, a Escritura nos foi outorgada diretamente por Deus – a tal ponto, que é como se nela contemplássemos a sublimidade de Deus em seu Ser essencial.¹²

Dessa forma, uma vez sendo regenerado e capacitado pelo Espírito Santo, o ser humano se torna devidamente apto para chegar ao conhecimento de Deus por meio da revelação especial, isto é, as Escrituras. Conforme Miguel, essa revelação especial se refere a uma maneira exclusiva e bem particular de desvelamento divino. Além disso, por meio de tal revelação, Deus não apenas revela a sua vontade para o seu povo, mas também revela a verdade sobre o próprio homem, sobre a criação e também sobre si mesmo, o que acontece principalmente por meio da apresentação da pessoa e da obra de Jesus Cristo.¹³

Ademais, é o conteúdo dessa revelação especial que torna o ser humano capaz de adequadamente interpretar a realidade criada, na qual ele está inserido, e a si mesmo. Como é enfaticamente argumentado por Frame:

Podemos interpretar a criação somente pensando os pensamentos de Deus após ele. E isso significa que, quando analisamos a criação, devemos ouvir as

¹⁰ VAN TIL, Cornelius. **O pastor reformado e o pensamento moderno**: o evangelho apresentado como um desafio à descrença atual. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 20.

¹¹ PLANTINGA, 2018, p. 197.

¹² CALVINO, 2015, vol. 1, p. 72.

¹³ MIGUEL, 2021, p. 56-57.

palavras de Deus em outra mídia, tal como a Palavra escrita, se desejarmos entender a natureza como ele a fez para ser. Como João Calvino disse, devemos entender o mundo natural através dos “óculos” da Escritura, pois é a mensagem do evangelho contida na Escritura que tira nosso desejo ímpio de deter a verdade de Deus.¹⁴

Dessa forma, é possível concluir que outro elemento fundamental da Epistemologia Reformada é a centralidade da graça de Deus como fonte do conhecimento humano. Essa graça, estendida à humanidade por meio da iluminação do Espírito Santo, faz com que o homem seja apto para compreender as Escrituras e assim interpretar também a si mesmo e o mundo que o cerca. Este conhecimento, porém, como todas as outras crenças, também precisa ser devidamente justificado. Por este motivo, o próximo capítulo será destinado à análise da justificação do conhecimento a partir da perspectiva da Epistemologia Reformada.

3. A JUSTIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EPISTEMOLOGIA REFORMADA

Como explicam DeWeese e Moreland, a justificação é uma condição epistêmica essencial que requer que as crenças, ainda que verdadeiras, sejam racionais e devidamente fundamentadas para que possam ser classificadas como conhecimento real. Acerca disso, estes autores apresentam as duas teorias tradicionais da justificação, o *Fundacionalismo* e o *Coerentismo*. Os fundacionalistas defendem que “uma crença é justificada se e somente se for apropriadamente básica ou for baseada em uma crença apropriadamente básica”. Já os coerentistas, por sua vez, argumentam que “uma crença é justificada se e somente se for coerente com as outras crenças justificadas de um indivíduo”.¹⁵

Destacando uma fraqueza significativa do *Coerentismo*, DeWeese e Moreland afirmam que a coerência não é o suficiente para justificar uma crença, pois também é necessário que ela encontre correspondência com a realidade. Além disso, nem todas as crenças humanas são baseadas em sua relação de coerência com as outras. Algumas crenças, por exemplo, são resultado das experiências empíricas cotidianas, e não inferências de outras crenças.¹⁶

Por outro lado, quanto ao *Fundacionalismo*, estes mesmo filósofos explicam que tal teoria epistêmica de justificação do conhecimento pode ser dividida em duas abordagens, o *Fundacionalismo clássico* e o *moderado*. O clássico, uma posição um tanto quanto ambiciosa, afirma que as crenças básicas precisam ser indubitáveis. Já a postura moderada entende que a natureza indubitável da crença não é necessária, sendo preciso apenas que ela conduza à verdade.¹⁷

Aprofundando ainda mais as questões relacionados à justificação do conhecimento, DeWeese e Moreland comentam a respeito do debate existente entre os filósofos sobre se é necessário ou não que um indivíduo esteja ciente das razões que justificam suas crenças. De

¹⁴ FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. Tradução de Meire Portes Santos e Márcio Santana Sobrinho. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 83-84.

¹⁵ DEWEESE, Garrett J.; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. Tradução de Djair Dias Filho e Vitor Grandó. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 62-63.

¹⁶ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 64-65.

¹⁷ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 66.

um lado, os *externalistas* afirmam que um indivíduo não precisa ter conhecimento dos fundamentos de suas crenças, de maneira que a justificação delas seja externa ao indivíduo. Por outro lado, os *internalistas* compreendem que os fatores envolvidos na justificação de uma crença são ou podem ser internos ao processo cognitivo do indivíduo.¹⁸

Em meio à complexidade deste debate, a posição da Epistemologia Reformada, popularizada por Plantinga, emerge como uma outra possível e válida alternativa. De acordo com este filósofo:

Podemos pensar que a humanidade foi criada por Deus à sua imagem – e criada tanto com uma tendência natural para ver a mão de Deus no mundo que nos rodeia como com uma tendência natural para reconhecer que fomos realmente criados e estamos em dívida para com o nosso criador, devendo-lhe devoção e fidelidade. Então, é claro, não consideraremos que a crença em Deus seja tipicamente a manifestação de uma modalidade qualquer de defeito intelectual. Nem iremos pensar que é a manifestação de um poder ou mecanismo de produção de crenças que não vise à verdade. Trata-se antes de um mecanismo cognitivo por meio do qual somos postos em contato com parte da realidade – na verdade, de longe a parte mais importante da realidade. Nesse aspecto, é como um produto da percepção sensorial, da memória ou da razão, a faculdade responsável pelo conhecimento *a priori*.¹⁹

Dessa forma, na perspectiva da Epistemologia Reformada, uma crença, no caso, a crença em Deus, pode ser justificada quando é produzida por um mecanismo cognitivo que esteja funcionando apropriadamente, mesmo que o indivíduo não tenha conhecimento de tal processo epistêmico nem das razões que fornecem garantia à sua crença.²⁰

Por fim, também é válido ressaltar que a revelação especial desempenha um papel significativo na justificação do conhecimento para a abordagem epistemológica reformada. De acordo com a explicação de Frame, como as Escrituras representam a justificação última e máxima para todo o conhecimento humano, a crença nas Escrituras só pode ser justificada pelas próprias Escrituras. Compreendendo que tal declaração pode ser classificada como um raciocínio circular, Frame argumenta que:

Uma crítica só é válida quando o crítico pode sugerir um melhor caminho. Mas não existe nenhuma alternativa à circularidade. Primeiro, a nossa fidelidade ao Senhor exige que sejamos leais a ele, mesmo quando estivermos buscando justificar as nossas asserções sobre ele. Não podemos abandonar o nosso comprometimento pactual para fugir da acusação de circularidade. Segundo, nenhum sistema pode evitar a circularidade, porque todos os sistemas – tanto não cristãos como cristãos – baseiam-se em pressuposições que controlam as suas respectivas epistemologias, a sua argumentação e o seu uso das evidências ou provas. Assim é que o racionalismo só pode provar o primado da razão pelo uso de uma argumentação racional. O empirista só pode provar o primado da experiência sensorial recorrendo a algum tipo de experiência sensorial. O muçulmano só

¹⁸ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 69-70.

¹⁹ PLANTINGA, 2018, p. 207.

²⁰ DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 70-71.

pode provar o primado do Alcorão apelando para o Alcorão. Mas, se todos os sistemas são circulares [...] dificilmente tal circularidade pode ser levantada contra o cristianismo. O crítico inevitavelmente será tão “culpado” de circularidade como o cristão.²¹

Dessa forma, os cristãos são epistemologicamente justificados em apelarem para as Escrituras como uma razão para a crença nas próprias Escrituras, pois tal circularidade se faz presente em absolutamente todos os sistemas de pensamento. Além disso, também é importante destacar que na circularidade cristã, os critérios de coerência interna e de correspondência com a realidade são devidamente atendidos, pois, como Frame explica:

Na epistemologia cristã [...] há lugar para correspondência, como há lugar para coerência. Qualquer delas pode ser utilizada como uma definição da verdade ou como um teste da verdade, na medida em que operem dentro da estrutura de uma visão bíblica de mundo. A Escritura ensina que pela revelação divina temos acesso ao “mundo real”. Descobrimos o “mundo real” não só por meio da experiência sensorial, mas também por meio de conceitos racionais e estados subjetivos, e particularmente por meio da Escritura, nosso supremo critério de avaliação da realidade.²²

A partir das informações consideradas, é possível, portanto, concluir que outro elemento fundamental da Epistemologia Reformada é a compreensão de que o conhecimento de um indivíduo é justificado pelo bom funcionamento de seu aparelho cognitivo que, por ter sido criado intencionalmente por Deus, produz crenças verdadeiras, e pela autoridade da revelação especial sobre os próprios critérios da racionalidade. Dessa forma, em seguida serão apresentadas as considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises feitas a respeito das principais e fundamentais características da Epistemologia Reformada, cujas heranças intelectuais e teológicas remontam à época de Agostinho de Hipona, foi possível conceituá-la e detalhá-la de maneira objetiva, bem como observar de que forma tal perspectiva epistêmica se distingue das demais. Diferentemente das outras abordagens, frequentemente marcadas pela pretensa autonomia da razão humana, a Epistemologia Reformada compreende o homem como naturalmente insuficiente (pensamento resumido pela doutrina do *sensus divinitatis*) limitado e incapaz de chegar ao conhecimento verdadeiro de Deus e da realidade por conta dos efeitos noéticos do pecado, ocasionados pela Queda, que lhe obscurecem a cognição.

Outro elemento distintivo dessa tradição epistemológica é a necessidade da graça de Deus, operada por meio da iluminação do Espírito Santo e revelada nas Escrituras, para o conhecimento humano. Dessa forma, o pensamento reformado não é apenas *monergista* quanto à soteriologia, mas também o é com relação à epistemologia. Por fim, também foi possível compreender que a abordagem epistemológica reformada, por crer que o ser humano é intencionalmente criado por Deus, defende que a justificação do conhecimento é

²¹ FRAME, 2010, p. 145-146.

²² FRAME, 2010, p. 157.

resultado do bom funcionamento do aparelho cognitivo humano, também criado por Deus e projetado com o objetivo de produzir crenças verdadeiras. Além disso, também foi enfatizada a centralidade que as Escrituras possuem na perspectiva reformada para a justificação do conhecimento, uma vez que elas são o máximo critério de avaliação da racionalidade humana e da realidade.

Dessa maneira, é válido e adequado concluir que este artigo alcançou seus objetivos inicialmente propostos, os quais eram investigar, a partir da perspectiva da Epistemologia Reformada, as fontes e os limites do conhecimento humano, bem como identificar os elementos que o tornam justificado. Assim, é possível concluir que a pesquisa apresentada neste trabalho pode contribuir e ser relevante para estudos teológicos e filosóficos acerca da Epistemologia Reformada, principalmente no que diz respeito à introdução e apresentação dessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Brian Gordon Lutalo Kibuuka. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021. Vol. 1.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. Vol. 1.

DEWEESE, Garrett J.; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. Tradução de Djair Dias Filho e Vitor Grandó. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução de Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília: Monergismo, 2018.

FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. Tradução de Meire Portes Santos e Márcio Santana Sobrinho. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

PLANTINGA, Alvin. **Crença cristã avalizada**. Tradução de Desidério Orlando Figueiredo Murcho. São Paulo: Vida Nova, 2018.

VAN TIL, Cornelius. **O pastor reformado e o pensamento moderno**: o evangelho apresentado como um desafio à descrença atual. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.